

O VITALISMO ENTRE HAHNEMANN E SIMONDON

Luís Eduardo P. Aragon¹

Resumo:

Este trabalho busca aproximar elementos das obras de Samuel Hahnemann e Gilbert Simondon, tendo como fio condutor os conceitos de força e individuação vital. Nossa estratégia visa criar um campo problemático - no sentido de favorecer o pensamento -, entre as proximidades, distâncias e tensões das contribuições de cada um, considerando as diferenças de época, de referências e de propósitos quanto à abordagem da vida. Ambos os pensadores apresentam teorias originais neste território, lufada de ar fresco, por mundos de vidas em sofrimento.

Palavras-chave: vitalismo; homeopatia; individuação; Hahnemann; Simondon

VITALISM BETWEEN HAHNEMANN AND SIMONDON

Abstract:

This paper seeks to bring together elements of the works of Samuel Hahnemann and Gilbert Simondon, using the concepts of vital force and individuation as a guiding thread. Our strategy aims to create a problematic field - in the sense of favoring thought - between the proximities, distances and tensions of each one's contributions, considering the differences in time, references and purposes regarding the approach to life. Both thinkers present original theories in this territory, a breath of fresh air, through worlds of lives in suffering.

Keywords: vitalism; homeopathy; individuation; Hahnemann; Simondon

Introdução

Gilbert Simondon, filósofo do século XX, aparentemente nunca escreveu sobre a homeopatia. No entanto, anos atrás, fui interrogado sobre a relação da obra deste autor justamente com esta prática médica. Estava numa conversa sobre o conceito de transdução com a equipe de Análise Institucional da Unicamp, já que René Lourau o utilizou para desenvolver suas ideias, pesquisas e práticas (Arendt, 2007, p. 176-177).

Seguindo a intuição do participante que me interpelou, procurarei aqui avançar um pouco na interface individuação/homeopatia, esboçando uma resposta tardia ao seu questionamento.

A Homeopatia surgiu no final do século XVIII na esteira da corrente filosófica vitalista (Teixeira, 2021, p. 125-126). O vitalismo, por sua vez, propôs um terceiro elemento para a racionalidade médica, além do corpo e da alma, qual seja, a Força Vital, ou princípio

¹ Médico, cardiologista, homeopata e psicanalista. Mestre em cardiologia pela UNIFESP e doutor em psicologia clínica pela PUC-SP. Autor do livro “O impensável na clínica: virtualidades nos encontros clínicos” (Ed. Sulina/UFRGS). Tradutor com Guilherme Ivo de “A individuação à luz das noções de forma e de informação” de Gilbert Simondon, pela Editora 34 (col. TRANS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2951-7770>. E-mail: aragon6luis@gmail.com.

vital. Esta força seria aquela que impede a degradação do corpo, que permite a sensibilidade e que orchestra a fisiologia, para que o espírito possa desempenhar, segundo Hahnemann² (Organon, § 9), “os mais altos fins de nossa existência”. Desdobramentos conceituais, práticos e éticos muito diversos se darão, caso optemos pelo enquadre vitalista ou, ao contrário, pelo mecanicista, em voga na época. A filosofia da individuação, tal qual formulada por Gilbert Simondon, pode certamente contribuir para agregar elementos e erigir campos problemáticos pertinentes a esta temática e ao nosso tempo. Neste ensaio, percorrendo caminhos elaborados por Hahnemann e Simondon, pretendemos reunir elementos para a constituição de um território de pensamento *entre* homeopatia e filosofia da individuação. Terreno disparativo e metaestável, aberto à reflexão do leitor e sem resoluções reducionistas que aponham levianamente um universo conceitual por sobre o outro. A vida, em suas apresentações diferenciais, será nosso fio condutor.

Vitalismo versus Mecanicismo

O médico alemão Georg Ernst Stahl - em um mundo que tendia a explicar toda a natureza pela mecânica cartesiana e newtoniana -, retoma o animismo aristotélico no início do século XVIII e inaugura o movimento vitalista. Atribui à alma a regência de um princípio de conservação específico do vivente, o qual faz frente à corruptibilidade do corpo que o constitui, e o difere dos mecanismos (Matras, 2002, p. 2752-2755). Entretanto, como assinala Teixeira (2021, p. 125-126), o maior expoente da oposição vitalista ao materialismo mecanicista e, provavelmente, o que mais influenciou as ideias de Hahnemann, foi o médico e acadêmico Jean-Paul Barthez. Em seu *Nouveaux éléments de la science de l'homme*, Barthez (1778) busca, através de uma rigorosa metodologia - baseada nas obras de Francis Bacon, Isaac Newton e David Hume -, estabelecer as bases científicas para a defesa, observação e determinação do *Princípio Vital*. Defende que, em Filosofia Natural, só nos é dado conhecer as causas experimentais que chamamos potência, força, faculdade etc. (Barthez, 2021, p. V-VI), e não as causas primeiras, entre as quais se encontra o *Princípio*

² Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755 – 1843) foi o fundador da medicina homeopática, a qual se baseia na ideia da “cura pelo semelhante” (*similia similibus curentur*). O “Organon da arte de curar” é o livro publicado pela primeira vez em 1810, onde ele apresenta toda a filosofia da homeopatia. Por ser um clássico, costuma ser citado pela numeração de seus parágrafos (o que permite a comparação entre as diversas edições e traduções), como procederemos neste texto.

Vital. Segundo ele (*Ibid.*, 2021, p. XX-XXI), este Princípio, agora, destaca-se como próprio, pois...

todos os conhecimentos relativos à Mecânica do corpo humano, ou à Metafísica da alma, não podem ter qualquer aplicação aos principais objetos [do Princípio Vital do homem], suas comunicações ou simpatias, sua reunião em sistemas, suas modificações distintas nos temperamentos e idades, e sua extinção à morte.³

Podemos destacar três características básicas particulares à ação do Princípio de Vida, e do vitalismo em si; são elas: a) os fenômenos vitais são irreduzíveis aos fenômenos físicos e químicos, eles têm uma coerência própria, uma organização específica que marca a possibilidade teórica de uma autonomia da biologia; b) os fenômenos vitais só podem ser observados, muito raramente são objeto de experimentações, o que os desnatura; e c) os fenômenos vitais só podem ser apreendidos em sua totalidade (Le Blanc, 2004).

Após a síntese da ureia a partir de compostos inorgânicos, em 1828, com Hahnemann ainda vivo⁴, o vitalismo sofre um poderoso ataque, pavimentando o terreno para a concepção materialista de um progresso linear do surgimento da vida, a partir da substância inerte, concepção esta reforçada, posteriormente, pela publicação de *A Origem das Espécies* de Charles Darwin, em 1859 e pela popular teoria da recapitulação de Haeckel (1899), a qual defendia a tese de que a “filogenia recapitula a ontogenia”. Ou seja, o embrião humano apresenta brânquias, cauda e todo um desenvolvimento que retrata a evolução reta e certa da vida.

Ainda no início do século XIX, Xavier Bichat publica seu famoso *Recherches physiologiques sur la vie et la mort* (1822), defendendo a ideia e conduzindo a atenção para o fato de que os tecidos adoecidos encontrados nas autópsias, já estariam assim antes do evento fatal. Vitalista e aluno de Barthez, Bichat (*Ibid.*, p. 2) define a vida como “o conjunto de funções que resistem à morte”. Ele possivelmente mirava na processualidade vital como aquilo que resiste, bem como na impossibilidade de apreender a vida em si, definindo-a em

³ As traduções constantes neste trabalho, são traduções livres feitas pelo autor.

⁴ De acordo com Adams (1989, p. 2), “a longa vida de Hahnemann (1755-1843) abrange um período importante [...] desde a mecânica celeste do século XVIII às teorias eletromagnéticas e às crescentes descobertas químicas do século XIX”. A composição da água foi descoberta em sua juventude e a clara distinção entre energia e matéria não era corrente em sua época; veja-se que Lavoisier em 1789 ainda incluía calor e luz como elementos químicos (*Ibid.*, p. 2-3). É neste contexto histórico que termos como *dynamis*, *virtual*, *magnetismo* e *espiritual* foram utilizados pelo autor.

negativo. No entanto, o futuro irá nos mostrar, a partir desta radical mudança de perspectiva (a vida definida pela morte e ligada visceralmente a ela), o surgimento de um tecno-logos que ocupará as mentes e o olhar, fomentando o espreitar de sinais da morte, ainda durante a vida.⁵

O questionamento sobre o que é a vida foi desaparecendo das reflexões e pesquisas acadêmicas.

Todo este cenário, reforça o florescimento da visão mecanicista sobre a vida e o vivo, já plenamente majoritária pelo sucesso das obras de Galileu, Descartes e Newton. Tomar o vivente por um mecanismo o torna mais apreensível pelo raciocínio experimental e matemático, mas relega ao segundo plano aquilo que o anima, o que permite uma praxis e uma ética que se interessam mais pelas partes do que pelo todo. Tende a tratar ou a evitar os defeitos, as desregulagens, ou desadaptações. Ainda além, neste âmbito, os aspectos físicos têm maior relevância e visibilidade do que aqueles psicológicos e emocionais, inalienáveis da dinâmica do vivente.

A Vida em Neotenia

Na contramão de todo o pensamento evolucionista, no sentido de um aperfeiçoamento e uma progressão contínuas do plano material para o dos seres vivos mais simples, e destes para os mais complexos, Simondon resgata da biologia o conceito de *neotenia*. Termo que exprime a existência de processos de retardo da especialização nos seres vivos, enquanto o estado larvar, indiferenciado e metaestável se propaga e dilata. Assim, o surgimento da vida não se deve a uma maior diferenciação ou ao acréscimo de alguma estrutura, órgão ou competência. Nas palavras do autor (Simondon, 2020, p. 222): “a individuação vital viria inserir-se na individuação física suspendendo o curso desta, lentificando-a, tornando-a capaz de propagação no estado incoativo”. Na individuação física o cristal mantém seu crescimento apenas na superfície externa, por camadas. Seu interior está preso a um passado remoto que não colabora com a individuação. Para ele (*Id., Ibid.*, p. 222), “o ‘indivíduo vivo’ seria, de certa maneira, em seus níveis mais primitivos, um cristal no estado nascente, amplificando-se sem se estabilizar”. Vemos assim desmoronar uma

⁵ Foucault (1988, p. 166) revela que “Bichat partira de uma experiência básica de anátomo-patologista [...] em que a morte era a única possibilidade de dar à vida uma verdade positiva [...] o vitalismo aparece tendo como pano de fundo esse ‘mortalismo’.” Cita Bichat (*Apud.* Foucault, 1988, p. 168): “abram alguns cadáveres: logo verão desaparecer a obscuridade que apenas a observação não pudera dissipar”; para depois arrematar, afirmando (Foucault, *Ibid.*, p. 168): “A noite viva se dissipa na claridade da morte.”

hierarquia de valor, pois o vivo alberga em si a individuação física não consumada, do mesmo modo que um animal - sob certos aspectos, mais complexo que uma planta - abriga a individuação física e vegetal inacabada. O animal torna-se dependente das plantas como meio associado, como estas dos minerais.

A evolução, sob a perspectiva da individuação, considera a vida como eterna produtora de campos problemáticos. Ela é a protagonista, nunca totalmente capturada, exigindo que o vivente seja, prossegue Simondon (*Id., Ibid.*, p. 318) “agente, meio e elemento de individuação”. Os restos inassimilados da problemática vital conduzem os seres a uma sequência de crises, através das quais eles se recriarão, buscando albergar um conjunto maior de respostas parciais aos problemas. Esta é uma sequência transdutiva de operações neotênicas, ou seja, cada individuação é uma resolução parcial que é retomada e reincorporada nas soluções ulteriores (Simondon, *Ibid.*, 2020, p. 319). Podemos aqui classificar os seres como mais simples ou mais complexos, unicamente pela perspectiva de integrarem um menor ou maior campo problemático, e não um menor ou maior aperfeiçoamento. Para nosso autor (*Id. Ibid.*, p. 223), os mais complexos tornam-se cada vez mais inacabados, menos estáveis e autossuficientes, o que em parte é suprido pelo desdobrar dos elementos psíquicos e coletivos, ou seja, da fase transindividual do ser.

A individuação psíquica é correspondente à coletiva e ambas estão inalienavelmente ligadas à individuação vital. São, aqui também, suspensões da resolução física e vital, no caminho de fazer frente às exigências do meio associado (o qual está dentro e fora dos indivíduos). Não há, nesta ontogenia, diferença de natureza entre animal e homem, apenas de grau, pois ambos vivem e pensam, quer dizer, argumenta Simondon (*Id. Ibid.*, p. 240), “o animal está mais bem equipado para viver do que para pensar, e o homem para pensar do que para viver”. As potências de ser afetado e de perceber, que estão na raiz da ação e do pensamento, nascem com a vida e acompanham todo o seu desenrolar.

Tanto para o surgimento da vida, quanto para o aparecimento de seres mais complexos, Simondon (*Id. Ibid.*, p. 22) postula a necessidade de nos portarmos diante de um estado de pura relação, ou seja, “considerar toda verdadeira relação como tendo posto de ser e como se desenvolvendo no interior de uma nova individuação; a relação não surge entre dois termos que já seriam indivíduos”.

Vamos elencar alguns dos elementos constantes nesta inovadora paisagem acerca da vida, proposta pelo autor: entretenimento perpétuo de relações anteriores à tomada de forma, portanto pré-individuais (os dinamismos pré-individuais não podem ser ditos vivos ou não vivos, orgânicos ou inorgânicos); manutenção de um estado que não é estável, nem instável, mas metaestável, com seu elevado grau de energia potencial; neste estado o ser não consiste apenas em si mesmo, estando para além da unidade; o meio associado é constituído por dinamismos, potenciais e virtualidades em pressuposição recíproca com o indivíduo, é sua reserva de futuro, de devir; a individuação vital não é posterior à física, mas contemporânea a ela, há um convívio de realidades com grandezas diferentes - individuada, pré-individual e transindividual - no ser vivo; este convívio estabelece a manutenção de um regime de ressonância interna, que ao mesmo tempo amplifica e condensa o ser; este contínuo processo, não apenas sustenta a vida, mas dispara novas realidades, existindo no limiar do presente de seu devir; assim, o vivente não apenas se adapta ao meio (o que a máquina pode fazer), mas modifica-se a si mesmo frente à problemática envolvendo os restos inassimilados de suas individuações anteriores; a vida é coetânea de uma distribuição topológica de espacialidades e funções, onde o interior está ativamente presente no exterior e vice-versa (por exemplo, a glândula suprarrenal libera hormônios em resposta à uma ameaça, promovendo alterações que modulam as relações com o meio associado).

Certo “vitalismo simondoniano”, complexo e original, pode ser depreendido do que foi exposto. A vida é a um só tempo estrutura e processo de individuação do vivente frente a uma problemática mais vasta que ele, além de inalienável da retomada de potências pré-individuais (pré-físicas e pré-vitais), bem como de uma consciência ou potência de pensar que acompanha uma distribuição, a cada vez renovada, de dinamismos topológicos e cronológicos.

Vitalismo de Hahnemann: Observação e Força Vital

Diferentemente da filosofia de Simondon, a filosofia homeopática não se debruçou sobre a questão do que é a vida, desde que se endereçava à prática e à ética da medicina. Alinhado ao vitalismo da época Hahnemann (1885, p. 258) considera que “nós só podemos conhecer a vida de maneira empírica, por suas manifestações ou fenômenos, é absolutamente impossível se fazer uma ideia dela à priori, por especulações metafísicas”. E o autor (*Id. Ibid.*, p. 258-259) segue afirmando que...

... no organismo reina uma força fundamental, inefável e toda-poderosa, que anula toda tendência das partes constituintes do corpo a se conformar às leis da pressão, do choque, da força, da inércia, da fermentação, da putrefação etc., e que as submete unicamente às maravilhosas leis da vida, quer dizer, as mantêm em estado de sensibilidade e atividade necessário à conservação do todo vivente, em um estado dinâmico quase espiritual.

Para Hahnemann (Organon, nota, § 6), o médico é incapaz de ver o ser imaterial ou a Força Vital que produz a doença (quando afetada por fatores morbíficos) e "tampouco é necessário que veja, pois somente deve investigar as ações mórbidas que o capacitem a curar a doença". Esta primeira menção da Força Vital no Organon, já explicita os dois polos de tensão que irão marcar a apropriação hahnemanniana da tese vitalista. Por um lado, critica insistentemente a formulação de diagnósticos e teorias médicas abstratos, não ancorados firmemente na observação dos sinais e sintomas efetivamente apresentados pelo paciente. Por outro, abraça a existência de uma força ou energia "imaterial", "invisível", que desempenha autonomamente as funções fisiológicas. Estas opções, aparentemente contraditórias, são alinhavadas por Hahnemann e não mais poderão ser separadas. O que franqueia esta unidade é uma firme determinação ética de um médico comprometido com o padecer e o tratamento de seus pacientes.

Faremos a seguir uma pequena digressão para contextualizar o modo como apreendemos o sentido do vitalismo hahnemanniano, ou seja, a direção que a tomada de forma (a *in-formação*) de sua vida, teoria e prática insinua e afirma.

A prova da solidão de Hahnemann

Há um importante acontecimento em sua história de vida, que foi o abandono da prática médica, logo após os primeiros anos de atuação. Como conceber que um jovem e inteligente médico, que se formou e se estabeleceu enfrentando diversas dificuldades, casado e com filhos, já com uma clientela formada e com um futuro promissor, tenha abandonado sua carreira)? (Simon, 1873, p. 12-14) Em carta ao seu amigo, Hufeland, Hahnemann (*Apud*. Bradford, 1895, p. 25), escreve:

Era uma agonia para mim, andar sempre na escuridão, sem outra luz além daquela que podia ser derivada dos livros, quando eu tinha que curar os doentes e prescrever, de acordo com tal ou tal hipótese sobre doenças, substâncias que deviam seu lugar na Matéria Médica a uma decisão arbitrária. Eu não podia tratar conscienciosamente as condições mórbidas desconhecidas dos meus irmãos sofredores com esses medicamentos desconhecidos, que sendo substâncias muito ativas, podem (a menos

que aplicados com a mais rigorosa exatidão, que o médico não pode exercer, porque seus efeitos peculiares ainda não foram examinados) causar tão facilmente a morte, ou produzir novas afecções e doenças crônicas, frequentemente mais difíceis de remover do que a doença original. Tornar-me assim o assassino ou o algoz dos meus irmãos era para mim uma ideia tão assustadora e avassaladora que, logo após meu casamento, renunciei à prática da medicina, para não mais correr o risco de causar danos, e me dediquei exclusivamente à química e a ocupações literárias.

No final do século XVIII a medicina era uma miscelânea de teorias e práticas as mais diversas, tais como hipocrático-vitalista, galênica, matemática, química, humoral e eletro-galvânica. Os tratamentos, ancorados basicamente nas práticas tradicionais populares, redundavam em uma polifarmácia, sem convergência de diagnóstico e terapêutica entre os diversos centros médicos (Rapou *apud* Bradford, 1985, p. 26).

Os inícios da homeopatia são marcados por um profundo sofrimento, o atravessamento solitário de uma prova existencial, em que todas as referências são colocadas em questão e as atitudes tornam-se perigosas e assustadoras, bem como por um íntimo irmanar-se com o sofrer e o morrer.

A convocação à profunda transformação de todo o ser, certamente, faz eco com o processo de individuação vital, dinâmica que coloca todo o instituído em estado de suspensão, metaestável, para a recuperação do acesso aos restos não assimilados, os dinamismos pré-individuais de seu meio associado.

O Nascimento do Transindividual

Entretanto, a importância de destacar este acontecimento, não se resume ao importante movimento vital, do nascimento de uma vida outra, metamorfoseada. Ele faz eco com as belíssimas páginas em que Gilbert Simondon (2020) trata do encontro/criação do transindividual. Solidão, é o estado profundamente vital e ético de uma vida que se vê visceralmente convocada a ser mais do que voltada apenas para si. Nas palavras do autor (*Ibid.*, p. 418)

A relação transindividual é a de [...] Zarathoustra com o equilibrista que caiu no chão à sua frente e foi abandonado pela multidão; a multidão só considerava o funâmbulo por sua função; ela o abandona quando, morto, ele deixa de exercer sua função; ao contrário, Zarathoustra se sente irmão deste homem, e carrega seu cadáver para dar-lhe uma sepultura; é com a solidão, nesta presença de Zarathoustra com um amigo morto, abandonado pela multidão, que começa a prova da transindividualidade.

É na relação que fulgura a transindividualidade, mas uma relação que não se dá através de papéis ou funções sociais, que não se limita à interindividualidade. Uma relação, pois, que coloca a própria vida individual em questão; relação que se equilibra no fio vida/morte, percorrendo os limites de si. Neste modo de conceber, a relação retoma o pré-individual e por ele forja o nexos dos indivíduos; nexos este que está para além ou aquém da consciência dos indivíduos e que, no entanto, os constitui e anima⁶.

As relações que se dão pelo pré-individual suportado pelos indivíduos, fazem com que sejam atravessados pelas presenças uns dos outros e abrem a possibilidade de transformação mútua. Há a oportunidade de instaurar uma nova vida e deixar morrer outra, caduca, ao mesmo tempo em que uma grave responsabilidade passa a ligar incontornavelmente os partícipes. Para Simondon, se existe espiritualidade, ela habita o território do transindividual; a espiritualidade, diz ele (*Ibid.*, p. 374), "não é uma outra vida, e também não é a mesma vida; ela é outra e a mesma, ela é a significação da coerência do outro e do mesmo numa vida superior", sendo composta de ação e emoção, prolongamentos do indivíduo para o mundo e vice-versa. Com extrema gravidade, prossegue o filósofo (*Ibid.*, 2020, p. 418), compreende-se que "o verdadeiro indivíduo é aquele que atravessou a solidão" e que descobre a presença do mundo de relações, não apenas com os vivos, mas também com os mortos. Isto porque, arremata ele (*Ibid.*, p. 371),

... morrendo, o indivíduo devém um anti-indivíduo, ele muda de signo, mas se perpetua no ser sob forma de ausência ainda individual; o mundo é feito dos indivíduos atualmente vivos, que são reais, e também dos 'buracos de individualidades', verdadeiros indivíduos negativos, compostos de um núcleo de afetividade e de emotividade, e que existem como símbolos. No momento em que um indivíduo morre, sua atividade está inacabada e pode-se dizer que ela permanecerá inacabada, enquanto subsistirem seres individuais capazes de reatualizar esta ausência ativa, semente de consciência e de ação. Sobre os indivíduos vivos repousa a carga de manter no ser os indivíduos mortos, numa perpétua *vékylia* [rito de evocação dos mortos].

⁶ Para Simondon (2020, p. 419) "é a cada instante da auto-constituição que o nexos entre o indivíduo e o transindividual se define como aquilo que *ultrapassa o indivíduo prolongando-o*: o transindividual não é exterior ao indivíduo e, no entanto, se destaca do indivíduo em certa medida".

Retomando o Vitalismo de Hahnemann

Seguindo este universo de pensamento, Hahnemann não pôde se adaptar à distribuição de papéis médico/paciente estabelecida, nem à perpetuação das arriscadas e mesmo lesivas práticas médicas de seu tempo. Sentiu-se convocado a irmanar-se “molécula-a-molécula” com o sofrimento, a morte e a vida de seus pacientes. Ceder ao establishment, desistir do embate ou metamorfosear-se desde dentro, eram as opções disponíveis. Ele teve a força e a condição de recriar a si, e com isso imaginar um novo panorama médico, para estar à altura do sofrer e do testamento daqueles que morreram. Saiu do casulo da solidão e da neotenia com o tratamento pela lei dos semelhantes (*similia similibus curentur*), com os medicamentos diluídos e ultra diluídos, utilizados um por vez e com a dinamização⁷ deles.

O vitalismo do fundador da homeopatia depende do empirismo militante de um “observador sem preconceitos”, pelo qual “notará em cada caso individual de doença, somente as mudanças na saúde do corpo e da mente (fenômenos mórbidos, acidentes, sintomas) que podem ser percebidos através dos sentidos” (Hahnemann, *Organon*, § 6). As “especulações transcendentais” são fúteis, quando não perniciosas. Decorre daí o estabelecimento das bases para uma prática racional, científica e amparada pela observação, conduzindo à necessidade da experimentação de todos os medicamentos em pessoas sãs (a assim chamada *patogenesia*), na formulação de uma extensa Matéria Médica. A comprovação do efeito curativo, ou mesmo colateral, das doses mínimas também é coletada pela observação. Hahnemann não iria expor seus pacientes a efeitos supostos ou imaginários das substâncias e medicamentos, bem como optaria por uma visada holística do ser, focando “a totalidade dos sintomas, desta imagem refletida no exterior da essência interior da doença, isto é, do distúrbio da Força Vital” (*Organon*, § 7).

O mesmo enlace íntimo e afetivo com o sofrer o faz abraçar, sem reservas, a existência de uma Força Vital. Trata-se de um dinamismo que sustenta a “operação vital”, e que está na origem da saúde e do adoecer. Ela é a protagonista que orchestra todas as expressões de uma vida e deve ser inferida, acompanhada, no que se apresenta aos sentidos,

⁷ Dinamização é a técnica farmacêutica desenvolvida por Hahnemann, em que um frasco preenchido em dois terços de seu volume com a tintura diluída em água ou solução hidroalcoólica, é sacudido (*sucussão*) e batido contra um anteparo fixo. Também pode ser feita com materiais sólidos por trituração e acréscimo de um insumo inerte como a lactose. Cada nova diluição de uma parte da solução em 99 partes de solvente é sucussionada 100 vezes, dando origem às diversas diluições ou potências.

pois ela mesma é invisível. Deste modo, Hahnemann afasta-se do materialismo mecanicista, o qual fomenta a aproximação segmentar das manifestações corporais e tem na patologia, ou no corpo-cadáver, seu modelo.

Quando se tenta apreender a Força Vital ela escapa ou deixa de estar ali, preservando perpetuamente um campo problemático de instituição da vida, a todo momento retomado. Georges Canguilhem (1952, p. 86) - professor e amigo de Simondon que retomou a tese vitalista no contemporâneo (Wolfe, 2010, p. 1-23) -, afirma que “a vida não é possível sem individuação do que vive [...] o indivíduo é um ser no limite do não-ser, sendo o que não pode mais ser fragmentado, sem perder suas características próprias”. Na homeopatia, o ser que se percebe doente é acolhido em todo o seu ser e dentro da relação afetiva e transindividual com o médico. O que se procura são as modulações vitais, os modos de adoecer, as maneiras de reagir às situações particulares de cada indivíduo, em determinado momento de sua história, e não constranger esta produtividade à identidade de uma doença ou um órgão⁸.

Mais um lance do Vitalismo de Hahnemann: O medicamento homeopático

Para além da valorização precípua dos sinais e sintomas como manifestação do adoecer, e da eleição da Força Vital como maestro das dinâmicas que animam o ser, há um terceiro elemento que compõe o vitalismo hahnemanniano. Trata-se de todo o universo de concepção e preparação dos medicamentos homeopáticos. Sabemos que Hahnemann era, não apenas um erudito quanto às práticas farmacêuticas, mas também um homem de laboratório. Sua preocupação com o efeito nocivo das substâncias usadas na medicina o conduziu a reduzir progressivamente a dosagem utilizada. No entanto, foi decisiva sua extrema sensibilidade quanto aos processos farmacêuticos, e sua inovadora compreensão do que são as substâncias e como podem agir no vivente. Em sua obra, recebemos muitas informações do que é, e de como procede a Força Vital, justamente quando trata da ação dos medicamentos. Aqui singulariza-se o vitalismo e percebe-se, mais uma vez, o gênio do autor.

Hahnemann preparava os medicamentos em casa e os levava de carroça aos seus pacientes, às vezes atravessando distâncias consideráveis. Diz-se (Corrêa *et. al.*, 1997, p. 349), que ele...

⁸ A esse respeito, afirma Hahnemann (1855, p. 265): “Em sua sabedoria, a natureza tornou diferentes ao infinito [conjuntos de sintomas], a reunião deles sob certo número de formas nominais, como aqueles que a patologia cria arbitrariamente, é uma obra humana, sem realidade, que conduz a ilusões contínuas”.

começou a observar que os pacientes que moravam mais distantes eram mais eficaz e rapidamente curados, e associou isto ao movimento que a carroça fazia ao passar pelos buracos da estrada. Passou, então, a sacudir os medicamentos (dinamizar) e basear o preparo destes em dois preceitos: diluição e dinamização.

Valorizar esta situação, aparentemente simples e corriqueira, só pôde ocorrer porque toda uma base filosófica e farmacotécnica trabalhava no íntimo de Hahnemann. Ele estava à frente de seu tempo (assim como Simondon), e isto se dá a ver em todo o seu colorido no surpreendente texto *Traité sur l'efficacité des petites doses homoeopathiques* (1824), que encabeça o sexto volume de sua *Matéria Médica Pura*. Nele, o autor afirma que é costumeiro considerar as substâncias visíveis e palpáveis - particularmente as medicinais - como matérias mortas que só têm efeito pelo peso e medida. Esta visão superficial das coisas não permite, segundo ele (1824, p. 264), conceber “as verdadeiras virtudes das matérias”. Prossegue (*Ibid.*, p. 264) chamando a atenção para o fato de que “as substâncias medicinais não são matérias mortas [...] sua verdadeira essência é dinâmica e consiste em forças imateriais”. Afasta-se da mecânica newtoniana, aproximando-se do campo das forças, como a gravitacional. Entretanto vai além, entendendo que as forças imateriais e o dinamismo são a própria essência da matéria, o que lhe abre caminho para uma farmacotécnica própria. Além disso, afirma (*Ibid.*, p. 265) que “as faculdades interiores [das substâncias] estão apenas encarceradas e encontram-se, por assim dizer, num estado de torpor, e assim permanecem até que a arte humana as desenvolva e liberte”. Toda esta refinada elaboração produz desdobramentos na prática terapêutica, pois, pondera ele (*Ibid.*, p. 266), “a necessidade de grandes doses diminui à medida que o desenvolvimento das faculdades ocultas da droga é levado mais longe”. Nesses termos, Hahnemann cultivava um vitalismo próprio, filosófico e industrioso, o que parece claro ao defender (*Ibid.*, p. 271) que “nada na natureza é privado de vida e de forças; resta ao homem desenvolvê-las”.

Assim, o modo homeopático de preparo de medicamentos, baseado na diluição e na sucussão, parece querer recuperar os dinamismos pré-individuais, virtuais e imateriais das substâncias, numa espécie de neotenia. Note-se que os diversos minerais, plantas e animais utilizados em medicamentos, surgiram como resultado específico de um sem-número de relações e ritmos, de dinamismos espaciotemporais.⁹

⁹ Através da paleobotânica sabemos, por exemplo, que as licófitas (como o *Lycopodium clavatum*) surgiram no período geológico siluriano (443-416 milhões de anos), com todo seu cortejo de temperatura, umidade, influências

Importante notar também que a água, o solvente prototípico, é fundamental para a vida, mais, revela ou exprime todos os encontros a que é submetida, como as ondas com o vento ou as marés com a influência da lua, promovendo a relação entre as forças telúricas e cósmicas. Assim, de acordo com Schwenk (1976, p. 28), “a água é como um órgão dos sentidos, que se torna ‘consciente’ dos menores impactos e traz imediatamente as forças contrastantes para um equilíbrio de movimento rítmico”.

Os movimentos rítmicos da tintura com a água (ou solução hidroalcoólica) e o ar contidos nos frascos, produzem microbolhas e aquecimento, em uma interação já proposta por Hahnemann (1824, p. 263), quando esclarecia que, pela operação homeopática, em pouco tempo, 100 gotas de espírito de vinho estarão completamente amalgamadas à única gota de tintura medicinal adicionada. Trata-se, segundo o autor (1824, p.262), de um amalgamar imaterial, no qual “os medicamentos curam as doenças de maneira virtual e dinâmica”.

Segundo a concepção homeopática, para além da detecção da substância pelo número de Avogadro¹⁰, ou seja, para além da matéria, há um âmbito de dinamismos vitais, ativos, que afirmam a profunda singularidade do medicamento. Este refluir para o nível das potências faz surgir como que um novo organismo, um organismo medicamentoso, que de acordo com Hahnemann (Organon, § 20) não irá agir através de uma identidade - característica das matérias colhidas em formas -. mas “pela força imaterial que se encontra latente na [sua] essência íntima”. O autor postula (1855, p. 261) que “as doenças do homem [...] são apenas modificações dinâmicas, e por assim dizer espirituais, do caráter vital do nosso organismo”, o que se exprime por sinais e sintomas característicos de um adoecer. Os medicamentos escolhidos serão aqueles, cuja experimentação no homem são, produzirá efeitos *semelhantes* aos do padecer e uma “doença artificial” mais forte que a natural, justamente, por agir diretamente na sutileza da Força Vital. A semelhança é fundamental, e a experiência demonstra, que esta é a chave para a comunicação entre as potências virtuais do medicamento e as do corpo enfermo¹¹. A oposição suprime e palia, mas não cura; a identidade poderia

planetárias etc. Já as angiospermas (como o *Anacardium orientale*) apareceram no cretáceo inferior (140 milhões de anos).

¹⁰ Número ou constante de Avogadro é o referencial utilizado em química que prediz o limite até o qual se encontra traços da substância original em uma solução. Este limite, em homeopatia, equivale à décima segunda diluição centesimal ou vigésima quarta diluição decimal. A partir destas diluições não se detecta mais a substância originalmente diluída (Jütte & Riley, 2005, p. 292).

¹¹ Diz Hahnemann, (1855, p. 281): “Jamais a homeopatia pretendeu curar as doenças pela mesma potência daquela que a produziu; ela quer fazê-lo por uma potência de forma alguma idêntica, mas apenas análoga”.

reforçar os sintomas; já a semelhança cria uma experiência de analogia¹² e superposição, que conduz a uma reação, a uma transformação salutar do ser.

Arrematando este tópico com alguns elementos da teoria da informação de Simondon (2010, p. 159), podemos dizer que para ele “a informação não é uma coisa, mas a operação de uma coisa chegando em um sistema e produzindo aí uma transformação”, ou seja (*Id.* 2020, p.490), “o fato de que uma informação é verdadeiramente informação, é idêntico ao fato de que algo se individua”. É uma operação relacional que se dá, diz Simondon (*Ibid.*, p. 27), por um estado fundamental de disparações ao pré-individual, “anterior a qualquer dualidade do emissor e do receptor”, o que lhe dá um caráter único e que pode, segundo ele (*Ibid.*, p. 332-3) ser chamada de “ecceidade da informação”. Note-se que,

um conjunto de sinais só é significativo sobre um fundo que quase coincida com ele; se os sinais recobrem exatamente a realidade local, não são mais informação, mas apenas iteração exterior de uma realidade interior; se diferem dessa realidade em demasia, não são mais apreendidos como tendo um sentido, não são mais significativos, não sendo integráveis. Os sinais devem encontrar, para serem recebidos, *formas prévias* relativamente às quais eles são *significativos*; a significação é relacional.

Não queremos, certamente, explicar a homeopatia através da teoria da informação, que bebeu em referenciais muito diversos. No entanto, não é privado de interesse o fato de que a teoria da cura pelo semelhante e da relação entre dinamismos imateriais do medicamento homeopático e da Força Vital, ressoem com a necessidade de quase coincidência de sinais para a comunicação transformadora, que se dá com a participação do nível pré-individual do ser.

Sabendo que o efeito dos medicamentos homeopáticos não se dá pela substância, conceber sua ação por operações de comunicação de sinais e tomada de forma é promissora.

Vida, Consciência e um “Vitalismo em Simondon”

Considerando as obras dos dois autores, nos interessa ainda ressaltar – desde que têm implicações éticas e políticas relevantes para o contemporâneo - que tanto o surgimento

¹² Importante lembrar que para Simondon (2020, p. 563), em primeiro lugar, analogia é uma equivalência não de identidades formais, mas de “relacionamentos de duas operações”; e, em segundo (*Ibid.*, p. 565) que “o método analógico supõe que se possa conhecer *definindo estruturas pelas operações que as dinamizam*, ao invés de conhecer *definindo as operações pelas estruturas entre as quais elas se exercem*”.

da vida quanto o conceito de Força Vital implicam certo psiquismo, rudimentar ou não. O que traz para o primeiro plano a importância de se considerar a vida - desde suas manifestações mais automáticas (exemplo da permeabilidade das membranas celulares) até suas manifestações mais espirituais -, como um dinamismo que se exprime, afeta e é afetado. A vida é consciência, no sentido de não se resumir apenas a ações pré-formadas, mas comportar auto-posição e julgamento.

Para Simondon a consciência pode ser pensada em dois movimentos que, em última instância, são indissociáveis. O primeiro afirma que o psiquismo é permanente diferenciação e integração transdutiva, ou seja, que ocorre de pouco-em-pouco, nem só do interior, nem só do exterior, mas misto de percepção e ação, que acompanha o engendramento vital. Simondon afirma (2020, p. 367) que o...

indivíduo se individua na medida em que percebe seres, constitui uma individuação pela ação ou pela construção fabricadora, e faz parte do sistema que compreende sua realidade individual e os objetos que ele percebe ou constitui. A consciência deviria, então, um regime misto de causalidade e de eficiência, ligando, segundo este regime, o indivíduo a si mesmo e ao mundo.

No processo de neotenia que sustém a vida e seu psiquismo correspondente, todo o ser é convocado no ato cognitivo, todos os dinamismos topológicos e cronológicos existentes ou em vias de ser, entram em questão.

O segundo movimento é o que inaugura a relação transindividual, no movimento mesmo do desabrochar da vida. Toda vida é já instauração de relação entre os pré-individuais portados por outras vidas, ou seja, é desde o princípio instituição de psíquico e coletivo.

É inerente à vida ser colocada em questão, e a resolução dos problemas, conforme Simondon (2010, p. 172), implica que uma “tão profunda analogia funcional [entre termos interiores e exteriores do vivente] deve conduzir a não separar vida e consciência como duas ordens diferentes uma à outra [...]; nada permite dizer que os aspectos elementares da vida não sejam dotados de consciência”. Deste modo, como argumenta Muriel Combes (2011, p. 219) “caso se queira perceber um vitalismo em Simondon, ele se ocuparia desta continuidade que ele percebe entre o conhecimento ou o pensamento em geral e os processos vitais.” Ou, mais exatamente, afirma a autora (*Ibid.*, p. 241), o vitalismo de Simondon traduz-se no “gesto

que consiste em inscrever no pensamento este pertencimento do pensamento à vida, fazendo deste pertencimento o lance essencial do pensamento.”¹³.

Para Hahnemann a Força Vital também é dinamismo que é afetado e age, tendo certa consciência, que às vezes anima funções homeostáticas e mais automáticas, e outras inéditas, como as vicariâncias¹⁴. Aqui também todo o ser está envolvido nas apresentações da Força Vital, não apenas as funções vitais, mas o psiquismo, os hábitos, o relacionar-se com o ambiente. O que conduz a uma prática que se interessa empaticamente por aquela vida e seu modo de viver e adoecer, entendendo que “o *anormal* não é o patológico. Patológico implica em *pathos*, sentimento direto e concreto de sofrimento e impotência, sentimento de vida contrariada” (Canguilhem, 2009, p. 53). O adoecer instaura um outro modo do viver, cria novas condições e normativas, pois

as doenças do homem, engendradas por influência dinâmica e virtual de causas morbíficas, originalmente são apenas modificações dinâmicas, e por assim dizer, espirituais, do caráter vital do nosso organismo [...] não sendo outra coisa que mudanças na maneira de sentir e agir (Hahnemann, 1855, p. 261).

Vê-se que a vida é inseparável de um modo singular de existir, e que o cuidado com as modulações da expressão de cada viver, unem Hahnemann e Simondon de certo modo.

Vida e Poder

O vitalismo do século XVIII foi a resposta a uma medicina desinteressada pelo sofrer, pela expressão singular e holística da vida. Forma política de resistir à segmentação dos corpos, ao tratamento do corpo-máquina, à obnubilação da expressão em favor de teorias pré-concebidas¹⁵.

¹³ Também Raymond Ruyer, contemporâneo de Simondon, intui a importância de vincular vida e consciência. Estudioso das ciências contemporâneas, considera a ideia de um princípio vital “misterioso”, mas traz uma contribuição para o tema que tratamos. Ao contemplar a morfogênese vital afirma, (1958, p. 238), que “o fator em causa representa essencialmente uma improvisação e um criação de ligações [...], que se revela muito próximo [...] da experiência imediata da consciência”. E segue (*Ibid.*) propondo que esta consciência não é passiva, sendo “sempre uma atividade formativa”, que une comportamento e percepção.

¹⁴ A homeopatia contemporânea também retém e elabora esta temática, a ponto de considerar-se uma terapêutica cognitiva. Para Carillo Jr. (2021, p. 129-130) e seu Modelo dos Sistemas Complexos, a consciência é ao mesmo tempo resultado e causa “da união dialética de todos os elementos e funções sistêmicos [...] imanente a todos os movimentos realizados pelo sistema”. Ela, prossegue o autor (*Ibid.*, p.131), pertence, mas também ultrapassa os limites do sistema vivo, é mutável e fonte de transmutabilidade, bem como “representa a unidade infinita do processo vital ou ‘rede de vida’”.

¹⁵ Canguilhem (1952, p. 105), esclarece que “não é privado de interesse ver no vitalismo uma biologia do médico e do médico cético frente ao poder prepotente dos remédios. A teoria hipocrática da *natura medicatrix* atribui, na

Sabemos que “hoje não se interroga mais a vida nos laboratórios. Não se procura mais delimitar seus contornos [...] São pelos algoritmos do mundo vivente que a biologia se interessa hoje” (Jacob, 1970, p. 320). Nos dias de hoje, então, a tensão não se dá mais entre vitalismo e materialismo ou mecanicismo, mas entre modos de apreender a vida. Hoje é prioritariamente no território da vida que a incidência dos poderes se afirma, seja a dos genes, das células, dos órgãos, dos corpos, das mentes ou da Natureza em geral. Na própria área da saúde observa-se uma série de tecnologias comprometidas em dessubjetivar a vida, que passa a ser permutável, comparável, normatizável, reunida em grupos estatísticos e comercializável. Em sentido inverso, mas não menos importante, é a desvitalização dos sujeitos que, descontextualizados das dinâmicas relacionais que os singularizam, têm sua vida dopada, fustigada e alienada.

Justamente neste ponto, podemos entrever, com Combes (2011, p. 284) um caminho de pensamento e ação através da obra de Simondon e de sua concepção de vida. Isto pois

para iluminar aquilo que pode constituir respostas a estas operações [que produzem uma vida dessubjetivada e sujeitos apartados de suas vidas], é preciso se apegar aos dois lados da inseparabilidade entre vida e subjetividade [...] reencontrando a vida na subjetividade e a subjetividade nos viventes.

Conclusão

Os dois autores que trabalhamos neste texto, cada qual à sua maneira e com seus respectivos propósitos, estabeleceram concepções acerca da vida que ressoam entre si, sem se recobrirem. Que a vida é inseparável do físico sem se resumir a ele, que é um dinamismo onde estrutura e processo não podem ser separados, que envolve todo o ser a cada momento em um contínuo renascer (não é apenas adaptativa), que implica o psíquico e todo o meio associado (o qual representa tudo o que problematiza o ser e força nova expressão/individuação), são apenas alguns pontos tangenciais.

No diagrama de forças que constitui nosso momento histórico a vida é, com certeza, um tema de importância fundamental. Optamos por destacar um modo específico de apreender

patologia, mais importância à reação do organismo e à sua defesa, do que à causa mórbida”. E continua: “o vitalismo médico é, então, a expressão de uma desconfiança, diria instintiva, frente ao poder da técnica sobre a vida [...] é a expressão da confiança do vivente na vida, da identidade da vida consigo mesma no vivente humano, consciente de viver”.

a vida, aquele que recupera a ligação inextrincável de relações e dinamismos imateriais do vivente, que contextualiza sua ação criadora e suas expressões, e que é, sempre e a todo momento, ato cognitivo. A necessidade ética de Hahnemann e a consequência teórica das formulações de Simondon, em nosso ponto de vista, sustentam esta perspectiva.

Finalizamos com a imagem da alquimia trazida por Simondon (2020, p. 607), como alegoria da “conversa” extemporânea que imaginamos entre ele e Samuel Hahnemann:

o Opus Magnum começava por dissolver [as substâncias] totalmente no mercúrio ou reduzi-las totalmente ao estado de carbono – onde nada mais se distingue, as substâncias perdendo seu limite e sua individualidade, seu isolamento; após esta crise e este sacrifício vem uma nova diferenciação; é o *Albefactio*, depois *Cauda pavonis*, que faz os objetos saírem da noite confusa, como a aurora que os distingue por sua cor. Jung descobre, na aspiração dos Alquimistas, a tradução da *operação de individuação*, e de todas as formas de sacrifício, que supõem retorno a um estado comparável ao do nascimento, isto é, retorno a um estado ricamente potencializado, ainda não determinado, domínio para a nova propagação da Vida.

Referências Bibliográficas

ARENDT, R. J. J. **Lourau Contemporâneo**. In. *Mnemosine* vol. 3, n 2, 2007, p. 172-180.

BARTHEZ, J-P **Nouveaux éléments de la Science de l’homme**. Montpellier: Imprimeur Jean Martel, 1778. Disponível em: http://numelyo.bm-lyon.fr/BML:BML_00GOO0100137001100156103

BICHAT, M. F. X. **Recherches physiologiques sur la vie et la mort**. Paris: Béchét jeune et Gabon, 1822. Disponível em: <http://www.bium.univ-paris5.fr/histmed/medica/cote?46022>

BRADFORD, T. L. **Life and Letters of Dr. Samuel Hahnemann**. Philadelphia: Boericke & Tafel, 1895. Disponível em: <https://archive.org/details/lifelettersofdrs00brad>

CANGUILHEM, G. **La Connaissance de la Vie**. France, Paris: Librairie Hachette, 1952.

O Normal e o Patológico. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2009.

CARILLO JUNIOR, R. **O Milagre da Imperfeição: vida, saúde e doença numa visão sistêmica**. São Paulo: Editora Organon, 2021.

COMBES, M **La vie inséparable: vie et sujet au temps de la biopolitique**. France, Paris: Dittmar, 2011.

CORRÊA, A. D., Siqueira-Batista, R., Quintas, L. E. M. **Similia Similibus Curentur: notação histórica da medicina homeopática**. In: *Rev. Ass. Med. Brasil*, 43(4), 1997, p. 341-51. Disponível em: Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ramb/a/GhtnYy3bScPkDzMKn6dh4xF/?format=pdf&lang=pt>

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

HAHNEMANN, C. F. S. **Esprit de la Doctrine Homoeopathique**. In: **Études de Médecine Homoeopathique: première série**. J.-B. Baillière, Paris, 1855. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5813110v.r=Études%20de%20Médecine%20Homoeopathique%20première%20série?rk=42918;4>

_____. **Organon: da arte de curar**. Versão para o português sistematizada e comentada por Marcelo Pustiglione e Romeu Carillo. São Paulo: Homeolivros, 1994.

_____. **Traité sur l'efficacité des petites doses homoeopathiques**. In: **Organon de l'art de guérir**. Traducteur Ernest George de Brunnow. Dresde: Arnold, 1824. Disponível em: https://numelyo.bm-lyon.fr/f_view/BML:BML_00GOO0100137001101587082/IMG00000325

JACOB, F. **La logique du vivant: une histoire de l'hérédité**. Paris: Gallimard, 1970.

JÜTTE, R., RILEY, D. A Review of the use and role of low potencies in homeopathy. In: **Complementary Therapies in Medicine**. 2005, 13, pp. 291-296.

LE BLANC, G. Vitalisme: École de Montpellier. In: **Dictionnaire de la pensée médicale**. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France, 2004.

MATRAS, J.-J. Vitalisme. In: **Encyclopédie philosophique universelle: Les Notions philosophiques: Dictionnaire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, p. 2752-5.

RUYER, R. **La Genèse des Formes Vivantes**. Ed. Ernest Flammarion, France, 1958.

SCHWENK, T. **Sensitive Chaos: the creation of flowing forms in water and air**.

Translated by Olive Whicher and Johanna Wrigley. New York: Schocken Books, 1976.

SIMON, M. V. -L. **Samuel Hahnemann sa vie et ses oeuvres**. Paris: J. -B. Baillière et fils, 1873. Disponível em: <https://numerabilis.u-paris.fr/ressources/pdf/medica/bibnum/90945x29x11/90945x29x11.pdf>

SIMONDON, G. **Communication et Information: cours et conférences**. Paris: Les Éditions de La Transparence, 2010.

A individuação à luz das noções de forma e de informação. Tradução Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2020.

TEIXEIRA, M. Z. **Concepção Vitalista de Samuel Hahnemann**. Ed. do Autor, 2021.

Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1177>

WOLFE, C. T. **The Return of Vitalism: Canguilhem and French Biophilosophy in the 1960s**. PhilArchive, 2010. Disponível em: <https://philpapers.org/archive/WOLTRO-8>

